

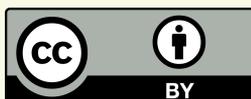
REVISTA

Mosaicum n. 35, jan./jun. 2022
ISBN 1808-589X — eISBN 1980-4180

CLARICE LISPECTOR: INFÂNCIAS, MEMÓRIA E LINGUAGEM REINVENTADA

RODRIGO DA COSTA ARAUJO
Mestre em Ciência da Arte
Universidade Federal Fluminense
E-mail: profrodrigopuc@hotmail.com

Recebido em marco de 2022
Aprovado em abril de 2022



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

ESTRADA, Julia Duque. *A mulher que não matou a criança: a infância na escrita de Clarice Lispector*. São Paulo. Editora Amavisse. 2020. 303p.

A mulher que não matou a criança: a infância na escrita de Clarice Lispector (2020), de Julia Duque Estrada trata sobre a força que a imagem da infância representa na obra de Clarice Lispector (1920-1977). Do tema-recorte ecoam perguntas que instigam o leitor clariceano: “O que representa a infância na escrita de Lispector?”. “Qual infância alimenta esta escrita?”. A leitura parte da percepção de que a escritora toca na infância não apenas quando a representa em suas páginas, ou quando dialoga com os leitores de sua literatura infantojuvenil, mas também em sua busca incessante por uma linguagem próxima ao sensorial, que reúna o dizer ao viver. Dizer e viver, pela literatura, reforçam que a infância é imagem recorrente nesta escrita e que, por isso, é perscrutada em suas diversas manifestações.

As perguntas acima servem como guias para conduzirem os leitores e as indagações sobre a infância enquanto memória e invenção ou mesmo a infância enquanto devir que irrompe nos personagens clariceanas levando-os ao encontro do novo, do informe, do imprevisível. As respostas buscam pensar a infância nas aproximações de uma escrita na qual a relação entre as palavras e as coisas se faça de maneira mais espontânea, criativa, despojada das racionalizações e abstrações adquiridas ao longo do processo de desenvolvimento e da aquisição da linguagem. A infância, portanto, é pensada com os personagens-criança, materializada no diálogo com os leitores da literatura infantojuvenil e nos atravessamentos dessa imagem-signo que transborda em Clarice.

A pesquisa, ainda, busca a infância nos percursos dos personagens-adultos e na forma de como a escritora se relaciona com a linguagem. Escrita, infância, memória e imagem dialogam numa escrita que faz da procura uma forma de dizer ao viver no correr dos instantes. A leitura que se deseja é procurar tocar a “fonte das palavras”, o momento mesmo de sua irrupção, na condição de um infante, nos entrelaces entre infância e linguagem que constituem uma só procura.

Para alimentar os argumentos, Julia Duque Estrada divide a obra em três rubricas/capítulos. O primeiro - *Clarice e a linguagem* - faz uma reflexão sobre a infância como devir, como um movimento de tornar-se inocente que atravessa a obra da escritora - na criação de sua linguagem

e na busca de seus personagens. O segundo capítulo - *A representação da Infância ou o que a infância representa* – pensa a representação da infância na obra infantojuvenil de Clarice e o terceiro capítulo intitulado - *Clarice, o leitor e a Literatura infantojuvenil* - perfaz o permanente diálogo da escritora com o seu leitor.

A primeira perspectiva aborda a escrita que fala ao sensorial, que mais do que ser lida, segundo a pesquisadora, deve ser sentida. Por esse viés, a escrita constantemente se renova e requer outra forma de experimentação, não apenas lógica, mas racional. A partir da linguagem e dos seus efeitos de estranhamentos e recriações com sentidos e significados, Clarice torna-se criança. O devir-criança, nesta escrita, é, nesse caso, processo que faz refletir sobre a potencialidade de transgressão, de contestação de normas e padrões estabelecidos, de descortínio para um novo olhar.

O segundo olhar centra-se na representação da infância a partir da existência, que se traduz no crescente interesse pelas crianças e pelos animais. Desse mundo, resgata-se a leitura dos personagens-criança, ou que representam a infância, na obra adulta e na infantojuvenil de Clarice. Ao falar de uma infância desterritorializada, o estudo contempla e problematiza a visão mitificada da criança e a visão dela como “paraíso perdido” pelo crivo de Fanny Abramovich.

Escrever e ser, aos olhos de Julia Duque Estrada, estão sempre inconclusos, por se fazerem ao correr dos instantes. A partir dessa perspectiva, pode-se observar que na obra clariceana a experimentação (desterritorialização) da escrita é antes de tudo uma experimentação (de desterritorialização) do corpo - de quem narra, de quem lê, dos personagens implicados na narrativa. Para Duque:

[...] Ao escrever, ao *entregar-se em palavras*, é também a própria Clarice que procura romper com o código instituído, *desarticulando, desorganizando, desterritorializando* - a “linguagem dos outros” e a si mesma, tal como fazem muitos de seus personagens. Indo de encontro à inexorável tendência de classificar, de etiquetar e enquadrar de nossa sociedade - que tende a transformar tudo em produtos palatáveis, facilmente ordenados em grupos, em séries, identificáveis - a escritora procura romper com as formas fixas e instaura a dúvida como mola propulsora de sua linguagem (2020, p. 52).

O deslocamento, a desterritorialização se processa, portanto, no interior desta escrita que continuamente se questiona e volta-se sobre si mesma. Feito caleidoscópio de sentidos, de multifacetadas palavras as ficções de Clarice Lispector falam de experiências radicais, à experimentação de estados não codificados. Nesse universo em devir, um desses signos/ideias desterritorializados é a infância que opera com fluxos de sentidos, onde significados e ideias são constantemente recriados, questionados.

A terceira rubrica trata do permanente diálogo da escritora com o seu leitor. O recorte caminha ao lado de uma ficcionista que a todo momento questiona em seus livros o perfil intelectual enquanto dono do saber para encenar uma visão generosa e solidária do conhecimento como construção nas relações do leitor com a obra. Clarice, dessa forma, subverte os papéis adulto/criança (em obras como: *A mulher que matou os peixes*; *A vida íntima de Laura*; *O mistério do coelho pensante* e no conto *Os desastres de Sofia*) e aponta para uma nova concepção de vida adulta, da vida infantil e da própria criação artística, que segundo Duque: “é feita de mãos dadas com aquele que lê sua obra”; nesse caso, “ambos, autor-narrador e leitor, são transformados pela experiência da leitura” (2020, p. 251).

Para os diálogos sobre a infância em Clarice, não ficam de fora os recursos visuais e ou paratextos que compõem a leitura estética do ensaio. Capas, títulos, prefácios e ilustrações acompanham os discursos que se montam na moldura sobre o discurso da escritora e seu “mundo em brumas” que a infância propicia. A pesquisadora, nas palavras de Eliana Yunes, da contracapa:

A infância é um mundo em brumas. Com que aquarela desenhá-la sem manchar o papel? Julia Duque Estrada procura o traço fino em Clarice. Há preferências de interpretação sobre a etimologia de in-fans. Sem fala ou toda linguagem, mergulhado? Um bebê, despossuído da e pela linguagem verbal, fala, no entanto, por todos os poros: movimentos, olhares, meneios, choros e sorrisos, multiplicidade potencial de dizer. Clarice junta as pontas destes fios e desnuda aquele menino a bico de pena, no esforço de entender sua pura atualidade que dá sinais de resistir à domesticação humana. A pesquisadora acompanha a trança delicada das narrações em que, com Lispector, as crianças atalham a lógica da

vida pela existência lúdica, bainha ficcional voltada ao mistério do reino dos pequeninos. Adultos, adentramos seus relatos e pelo olhar sensível de Julia, ousamos construir o possível por entre as cerrações das memórias e afetos.

A mulher que não matou a criança: a infância na escrita de Clarice Lispector, de Julia Duque Estrada faz um percurso sobre a infância que atravessa a busca pela linguagem, o diálogo com os personagens e, por fim, a interação da escritora com seus leitores. A moldura do olhar trata a infância como experiência, como significante-guia que desponta, a partir dele, contornos, formas e falas. A infância, portanto, é alimentada, delicadamente, por uma nova forma de experimentar a linguagem e vivenciar a própria “realidade” enquanto construção discursiva.

Referência

ABRAMOVICH, Fanny (Org.). *O mito da infância feliz*. São Paulo. Summus.1983.